

Publicado em 06 de agosto de 2016, às 19h05min

NOTAS SOBRE SUBJETIVIDADES EM TRÂNSITO

RESUMO

Este artigo é resultado das primeiras leituras realizadas da Teoria da leitura de Larrosa (1998) e a audiência do filme de Roberto Faenza, Páginas da Revolução, estrelado por Marcello Mastroianni e baseado no romance de Antonio Tabuchi. Tal encontro entre a Teoria e o filme pretendeu focar alguns aspectos da noção de formação. A ideia de Trânsito recuperou a sugestão da Teoria sobre certa transitoriedade e instabilidade que a experiência de leitura provoca. As notas, breves comentários se entrecruzam com as escritas elaboradas a partir do filme e da Teoria.

Formação - leitura - notas - experiência

"De onde estou

já fui embora".

(Manuel Bandeira)

Este trabalho é fruto de uma experiência de leitura da conjugação do filme "Páginas da Revolução", dirigido por Roberto Faenza e estudado por Marcello Mastroianni (produção de 1995) e a memória dos resultados parciais de pesquisa realizada em 2001 com jovens, alunos do ensino médio, sobre "formação de leitores" mediada pela Teoria de leitura de Larrosa (1998).

Vou apresentar algumas reflexões em movimento que chamei de "notas", organizadas na seguinte escala(ou roteiro de leitura):

1ª nota: esta que apresento sobre a estruturação do trabalho;

2ª nota: que nomeei de mediação teórica, onde estabeleço as influências das quais parti para experienciar uma leitura sobre o filme e a pesquisa.

3ª nota: o acompanhamento. Levanto o olhar para o filme, voltando-me para a questão da formação.

4ª nota: em tom de fuga acompanhada, apresento a memória dos resultados parciais da pesquisa concluída em 2001.

5ª nota: contrapontos. Teço algumas considerações em torno dessas subjetividades conjugadas, dos personagens do filme da pesquisa.

6ª nota: Deixo o acompanhamento de uma história de Luís Ruffato, a fim de fazer soar uma melodia macabra sobre experiência; leitura; subjetividade e formação.

7ª nota: Não toco. Silêncio. Escuto a canção dos presentes.

2ª Nota:

A teoria de leitura de Larrosa, resumidamente apresentada aqui, está estruturada em três eixos, a saber, experiência, subjetividade e formação. Experiência para o autor é o que nos passa no ato da leitura, tomada esta atividade como uma atividade paradigmática para as subjetividades em formação. Subjetividades estas que uma vez afetadas pelo encontro com o texto põem-se em transformação, decorrendo disso a produção de sentidos e sem-sentidos.

A teoria apresenta-nos duas categorias: experiências de leitura, onde, segundo o autor, no encontro com o texto "não passa nada", a subjetividade leitora não é afetada pela subjetividade do texto, de modo que há como nunca continuidade desta subjetividade leitora, num fluxo sem qualquer abalo, o que como é uma operação de transporte, num

processo comunicativo, sem reflexão. A segunda categoria é leitura como experiência, nesta há o encontro de fato, e as subjetividades do texto e do leitor, uma vez confrontadas, provocam no leitor uma desestabilização, a ponto de afetá-lo e fazê-lo parar, em repouso. Num movimento favorável à reflexão (o repouso) em que há um grau maior de abstração, de maneira que é considerada também a subjetividade do autor, então. Nesta direção haveria o encontro, o que caracterizaria também o encontro com a literatura que provoca isto, quando de verdade; quando experiência.

Mas, alerta-nos o teórico que esse encontro de abalo e descentramento, que ultrapassa a operação de transporte como uma transferência de informações (do texto ao leitor) não ocorre sempre e não é passível de controle, porém, exige um movimento diferente em relação ao que se lê, movimento que se transforma em gesto de escuta. Sendo assim, considera o teórico, que o que se poderia desenvolver seria um conjunto de condições favoráveis à manifestação deste encontro formador e transformador. Já a formação tem sua noção elaborada a partir dos aspectos de inacabamento, continuidade pelo descontínuo, no ato de ler, de modo que a relação entre o objeto que ativa a leitura, o texto, a subjetividade leitora e a própria vida é de descontinuidade. A formação como leitura e leitura como formação, são outras categorias decorrentes desse movimento de inacabamento e descentramento, num ritmo de descontinuidade entre sentidos e silêncios, provocados pela leitura..

Deste modo, o ato da leitura, quando experiência é movimento de descentramento e instabilidade para o leitor.

3ª nota: Tomo agora o acompanhamento do filme de referência, "Páginas da Revolução", que fala do período histórico da ditadura de Salazar em Portugal, cercada pela perseguição aos judeus por parte do governo alemão e baseado no romance português homônimo de Antonio Tabuchi.

O protagonista, encenado por Mastroianni, chama-se Dr. Pereira, um jornalista pacato, metódico, cinquentão, viúvo, de formação literária sólida, segundo um olhar eurocêntrico e que é responsável pela sessão cultural de um periódico "apolítico" do médio porte, mas de boa circulação na cidade de Lisboa.

A leitura de um artigo sobre a morte é o ato disparador para que nosso Dr. Pereira vá ao encontro do coadjuvante, um "jovem escritor desconhecido", Monteiro Rossi. A mediação da leitura daquele texto dispara um sentimento mórbido e reflexões que fazem com que o jornalista se impressione com as palavras do escritor: "A morte explica o sentido da vida". Interação sobre interação na comunicação discursiva estabelecida.

Tomado pela palavra e o valor que esta tem para ele, Dr. Pereira decide convidar o jovem, recém-formado em filosofia e que chega a ser militante de esquerda (mentindo ao seu interlocutor ingênuo) decide convidá-lo para escrever o necrológico do jornal sobre escritores famosos que venham a falecer ou já falecidos, em datas comemorativas.. Dr. Pereira, movido pela crença na palavra como suporte da verdade e dos altos valores para a vida, entende que divulgar a vida e os feitos dos grandes escritores é um ato de formação. O filme apresenta ao longo da narrativa algumas considerações críticas sobre a imprensa da época como um veículo e alienador de consciências, e a figura de um garçom (Joaquim de Almeida, ator) que a realidade política das ruas chega ao conhecimento do Dr. Pereira. Contratado, Monteiro Rossi, movido pelo afeto que tem por sua noiva, militante revolucionária, escreveu textos que contrariam as intenções edificantes do Dr. Pereira. O jovem impetuoso, que "escreve com o coração", traz à tona aspectos das vidas de alguns

escritores consagrados que o estabilizado, formado leitor e jornalista, não acredita serem convenientes, chegando a refletir que se deve escrever com o cérebro e não com o coração.

Posto o encontro e a tensão entre protagonista e coadjuvante, detonados pela palavra que dá sentidos diferentes à realidade; o Dr. Pereira vê-se confrontado com suas imagens e medos que lhe atravessam os sentidos conhecidos, familiares, e denunciam a impossibilidade até certo ponto de nesses momentos de ler a realidade.

1ª imagem: Num bonde, por detrás da janela, o doutor Pereira vê a violência da milícia fascista sobre manifestantes em protesto. Sua perplexidade denuncia a ingenuidade e o despreparo para dar palavras à viagem que assiste em movimento, no trânsito para o trabalho. Aparentemente a cena sugere nenhuma afetação à subjetividade leitora, que apressadamente rotularíamos de "não leitora". Dr. Pereira apresenta-se como a subjetividade, que embora em movimentos de leitura, estes não desenvolvem de início qualquer processo de intersubjetividade que o faça sair de si.

2ª imagem: No final do filme, depois de humilhado em sua casa, pela polícia. A cena: depara-se com o corpo imóvel, inerte e rosto ensanguentado do amigo jovem, "escritor que nunca chegou a escrever no necrológico" nas palavras dele, Monteiro Rossi assassinado e morto em sua casa, onde fora buscar abrigo e refúgio da perseguição que sofria pela repressão violenta da polícia daquele período histórico que ambienta a história do encontro entre o jovem e ancião viúvo.

Interessa-nos destacar que, para as duas imagens descritas brevemente, Dr. Pereira apresenta uma relação diferenciada com a palavra. Podemos sugerir que na primeira não há tempo para nomear sentidos, como se o trânsito do pensamento e do transporte gerasse certa imobilidade para provocar reflexões. Na segunda, parte da ação do corpo em movimento (chega a sua casa – símbolo de ambiente de descanso e repouso), a partir da visão da realidade imediata que encontra dá a ver que nova realidade interna se configura. Decide, então, denunciar esse estado de coisas (iniciativa inédito em sua vida). Esse ativismo provocado pela leitura do que via, a morte violenta e até certo ponto inexplicável e inaceitável do amigo "escritor", trânsito de pensamento também recuperado por memórias diferentes em si que se cruzam, levam-no a transgredir normas estabelecidas. O passado de pacato homem e leitor passa a dar a ver um transeunte do presente, que coloca em 1ª página do jornal em que trabalhava a morte do desconhecido escritor, situando-se entre outros célebres escritores, como Garcia Lorca, por exemplo. A leitura de mundo recém adquirida pelo laço breve de amizade fê-lo absorver o ímpeto do jovem, agora morto. O obituário, gênero textual de menor prestígio em jornais assume um valor inédito para aquele cidadão leitor de livros e de mundo.

A partir daí, a mudança do personagem assume ares internalizados de outra personalidade, quem sabe, potencializada pelas leituras cruzadas. Dr. Pereira sai dessa condição e parte com uma mochila, mais magro, bem disposto e rejuvenescido, novamente em trânsito pela vida solitária, largando os pensamentos obsessivos sobre a morte e voltando-se para a vida, sem direção certa, definida ainda. O personagem sugere que este novo trânsito (cena final do filme) em meio à multidão convulsionada pela época de repressão e resistências coloca um Dr. Pereira em ponto de transformação para dar continuidade à sua formação. Uma formação gerada pela descontinuidade no fluxo da vida tranquila, provocada pelas experiências que lhe atravessaram entre palavras e imagens, mediadas por afetos.

4ª nota: Trago a conjugação dos resultados parciais obtidos em pesquisa realizada em 2000-2001, através de entrevistas e observações, com jovens na faixa de 14 a 18 anos, matriculados no ensino médio de uma escola pública do município do Rio de Janeiro, na disciplina de literatura brasileira. Este trabalho sobre a "formação de leitores", que integrou o mestrado em Educação e agora tem continuidade no doutorado em Letras, teve como questão de pesquisa: " Se as práticas de leitura desenvolvidas pelos jovens não se realizam sempre de acordo com a ideia de leitura como experiência, como traduzir as leituras efetivadas por esses sujeitos?"

Esta questão partiu das considerações amplamente discutidas sobre a situação dos jovens como não leitores e a "crise da leitura", apoiadas na teoria de leitura de Larrosa(1998) e em estudos sobre o mito literário de Don Juan em diferentes versões. Este último surgiu em função de achados de pesquisa quando fora a campo.

Os resultados apresentados a partir da análise de parte do material coletado em 12 entrevistas com jovens e 3 com professores, e o diário de campo, formaram o seguinte quadro:

O gosto indiscriminado por atividades variadas; a busca do prazer imediato advindo de quaisquer objetos circulares no mundo exterior (televisão, livros, jogos, canções); o espontaneísmo diante das escolhas desses objetos; a impaciência para experimentar a leitura em meio à acelerada oferta de bens de consumo (inclusa a literatura na esteira da arte reificada); a preguiça imobilizadora à frente desse incontido mercado de estímulos de linguagens e produções variadas no cotidiano estetizado; a "mudez" (afásica) ou a cantoria eufórica (de bailes funks ou discotecas, por exemplo, como ausência de reflexão) no encontro com a beleza que extasia (dizia é lindo! Maneiro! É bonita! - sobre as experiências de leitura), encontros esses que proporcionavam intensificadas vivências na leitura; a fácil identificação com personagens, enredos, mitos, mundos reais e ficcionalizados na experiência com a literatura; a presença de certa vulnerabilidade e certa passividade ao que vem da exterioridade, sem critérios claros para escolhas, a não ser do prazer; o encontro agradável com a poesia como reafirmação do instante; o imediatismo na busca da felicidade ou do prazer, sem distinção, no contato com a palavra "decodificável", "descomplicada", em oposição à palavra tomada como "complicada"; busca de leituras ritmadas de modo até previsível a fim de causar sensações agradáveis continuamente; a preferência pelos resultados palpáveis da experiência com a escrita, às vezes automática sem maiores elaborações, à leitura e sua produção invisível; e a falta de tempo para ler como uma indicação da falta de espaço para o repouso, tomado como condição necessária para o desenvolvimento da reflexão; falta essa envolvida pelo transbordamento de ações cotidianas, onde não ter tempo é status; ações zapeadas e controladas pela família ou grupo de amigos e tão próximas do objeto de controle, o controle remoto que a nada permite fixar ou pertencer, (hoje um recurso/efeito na própria construção dos videoclipes); a novidade como estímulo à perpetuação da alegria eufórica, ditatorial que exclui a compreensão, o acompanhamento, ao lado da exploração do novo que é o mesmo, num jogo de repetição.

5ª nota: Contrapontos: A essa movimentação incessante e quase sempre incompleta e inacabada feita em direção às leituras e experiências com manifestações culturais variadas, tanto na esfera da cultura escolarizada como na da cultura de massa, espontaneamente vivenciada pelos jovens, eu lancei um olhar acolhedor buscando uma representação, surgida no contexto de descoberta de pesquisa, que pudesse dar conta da "tradução"

desses movimentos, para nós professores, considerados “não leitores”. Nomeei tais perfis como “experiências donjuanescas de leitura”, uma vez que o estudo do mito de Don Juan invadiu os pressupostos teóricos estabelecidos. O surgimento nas entrevistas realizadas de uma narrativa de experiência de leitura levou-me a adensar os pressupostos com estes estudos do mito literário do ocidente. E a incontinência amorosa do mito em busca do prazer com consequências desoladoras para as personagens femininas seduzidas, revelando as sombras de um sistema social de época instituído, foi aproximada da incontinência, num fluxo contínuo, de alguns jovens em busca de prazer em suas experiências de leituras. Em diálogo entre empiria e teoria, encontrei ecos de idealizações na vitalidade contemporânea desses jovens adolescentes, de ímpeto e impulsos até incontinentes .

O fogo da manutenção que promove expansões tanto de relacionamentos como de leituras reflexivas e conseqüentemente críticas, enquanto experiências, não fazia parte dos movimentos dos alunos entrevistados e do mito literário estudado, segundo comentaristas e especialistas que se circunscrevem numa tradição do olhar Moderno. No entanto, esses mesmos jovens entrevistados apresentavam eventualmente depoimentos em que o ato de leitura se configurava como experiência de fato. Daí que a rotulá-los de “não leitores” soava-me como anulação de seus movimentos em direção a outras subjetividades, fossem de textos ou de que fossem. Contudo, reconhecia que estes movimentos estavam mais para experiências de leituras do que para leituras como experiências.

E num movimento de contraponto me pergunto: Todas as nossas experiências se configuram como experiências? E, se configuradas, vêm de imediato? São-nos sentidas de imediato?

No filme, o confronto das duas cenas, aquelas destacadas, indica o despertar do personagem. E ainda sigo me perguntando: Num processo contínuo de formação, a descontinuidade entre leituras de níveis diferentes de reflexão e abstração não é um aspecto constituído da própria formação e transformação de subjetividade em trânsito, isto é, num movimento que aponta para intersubjetividades?

Trânsito: Como pode o ensino contribuir para que estes jovens leitores tenham autonomia intelectual e um aprimoramento de suas sensibilidades para intervir em seus processos de vida em sociedade?

Alguns mecanismos de adormecimento de sensibilidades e do pensamento crítico já conhecemos, tais como: a banalização da violência; o apagamento de fronteiras; a cultura de massa a pasteurizar formas; a reificação da arte; a adolescentização da sociedade; a estetização do cotidiano; a descontinuidade de políticas públicas que melhorem as condições de vida, principalmente, no âmbito da educação e da cultura.

Mas considero que também que este fluxo contínuo de busca de prazer, de felicidade, essas paixões instantâneas, são a indicação de certa disponibilidade para a formação e transformação por mais paradoxal que possa parecer. Assim, não precisaríamos olhar/ler/perceber, essas subjetividades em trânsito com a inclusão do afeto, uma política e poética de amizade?

Inconclusiva, cito Eliane Yunes: “A diferença acolhedora, no lugar da diferença conflitante, e por isso nem excluível, nem excludente.” (p. 118).

Talvez, como a que Dr. Pereira experimentou ao “entrar em trânsito” na amizade com Monteiro Rossi, o escritor jovem prematuramente morto, antes mesmo de escrever seu primeiro texto para o obituário do jornal.

6ª Nota: Acompanho-me da leitura de um fragmento de Luis Ruffato em Eles eram muito cavalos. Outra fuga, outro ritmo, outra experiência de leitura.

7ª Nota: Não toco. Deixo a canção do texto (para acompanhar-me da canção dos presentes). No debate de sentidos que se fazem necessários após a leitura desse texto, outra experiência de escuta e de leitura.

BIBLIOGRAFIA

1. LARROSA, Jorge. Literatura, experiências e formação. Barcelona; editor Laertes; 1998.
2. YUNES, Eliane (org.). Pensar a leitura: complexidade. Rio de Janeiro; editora PUC-RIO, 2002.

FILMOGRAFIA

1. Páginas da Revolução. De Roberto Faenza . SP: Filmoteca Folha de São Paulo. 1999.